MEIER, John P. *Um judeu marginal* – repensando o Jesus histórico. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NOTH, Martin. *História de Israel.* Barcelona: Garriga, s/d.

ROTH, Cecil. *Pequena história do povo judeu.* São Paulo: CIP, 1962.

SIMON, Marcel. *Judaísmo e cristianismo antigo*: de Antíoco Epifânio a Constantino. São Paulo: Pioneira, 1987.

SELTZER, Robert M. *A experiência judaica na História.* Rio de Janeiro: Koogan, 1990.



# 3 O passado e o presente na criação de hinos qumranitas e cristãos

*Fernando Mattiolli Vieira*

A maior parte dos pesquisadores que se dedica ao estudo das fontes literárias da Palestina do séc. I d.C., têm utilizado métodos comparativos para com diferentes documentos, com o objetivo de alcançarem resultados mais significativos sobre o pensamento de grupos religiosos durante esse período. Com a descoberta dos manuscritos de Qumran, foi possível ampliar essa perspectiva devido ao aumento significativo das fontes. Entre os vários gêneros literários encontrados nestes manuscritos, chama a atenção uma parcela significativa de textos de natureza poética, em que são encontrados hinos que retratam a maneira com que a comunidade de Qumran – grupo detentor destes manuscritos – refletiu sua religião, as relações entre o homem e Deus, e mesmo a sociedade da época. O esboço planejado para este artigo utiliza o mesmo método de análise citado acima. Serão comparados textos hinários da tradição bíblica e de grupos religiosos que possuíam características sociais e práticas similares; a saber, da comunidade de Qumran e de comunidades cristãs. O que diferirá a proposta aqui esboçada de outras que trabalham com este tipo de textos será a ênfase dada ao papel da literatura hinária como um veículo que podia transpor as barreiras religiosas restritivas de tais grupos. Essa proposta visa aclarar como algumas doutrinas podiam ser comuns entre comunidades religiosas diferentes, tais como as mencionadas acima.

{hinos; Magnificat; Benedictus; 1QPergaminho da Guerra; comunidade de Qumran; comunidades cristãs}

É necessário que se faça uma pequena introdução sobre o grupo criador dos textos não bíblicos que são aqui utilizados. Desde o ano de 1947, data em que foram descobertos manuscritos antigos em cavernas

do deserto da Judéia, os primeiros pesquisadores concluíram que estes textos pertenceram a uma corrente religiosa judaica, conhecida, sobretudo pelos escritos do historiador Flávio Josefo, como "essenismo".[1] Em um segundo momento, estes manuscritos foram associados às ruínas de um assentamento próximo, conhecido como *Khirbet Qumran*. A partir de então, consolidou-se a tese de que estes textos pertenceram a uma comunidade religiosa essênia, que habitou este assentamento entre meados do séc. II a.C. a 68 d.C.,[2] responsável pela criação de um grande *corpus* documental conhecido atualmente como *manuscritos de Qumran*.[3] Este artigo é construído com base nesta proposta.

Como não há a possibilidade de se considerar de maneira ampla a natureza sociorreligiosa desse grupo nesse momento, é importante, ao menos, deixar clara a perspectiva social com que ele é tratado aqui. Para tanto, o auxílio das ciências sociais é bem-vindo. Muitos conceitos antropológicos têm sido adotados em pesquisas que tratam de grupos religiosos da Palestina do séc. I d. C. Alguns destes referem-se à maneira com que tais grupos são classificados. O conceito "seita", por exemplo, que ainda não foi abandonado completamente – sobretudo por pesquisadores dos manuscritos de Qumran –, é insuficiente para descrever a organização e as relações sociais de movimentos religiosos em meio à sociedade da

[1] Suas melhores descrições se encontram em *Guerra Judaica* 2:119-161 e *Antiguidades Judaicas* 18:18-22. Os essênios são descritos por Josefo ao lado dos "fariseus" e "saduceus" – estes últimos também conhecidos por descrições bíblicas.

[2] Não há consenso entre os pesquisadores acerca da data exata em que as dependências de *Khirbet Qumran* foram habitadas pela comunidade que legou os manuscritos. Em geral, elas giram em torno da primeira metade do séc. II a. C. A maior parte dos acadêmicos acredita que o grupo se estabeleceu em Qumran logo após a tomada do sacerdócio das mãos dos sadoquitas (responsáveis pelo sumo-sacerdócio desde os tempos do rei Davi) pelos asmoneus (ou macabeus – família judaica que havia encabeçado a revolta contra a ocupação síria de Jerusalém), o que teria feito com que um grupo de judeus ligados ao sacerdócio fosse marginalizado. Em seguida, a opção deste grupo (que provavelmente esteve em torno de uma figura central, conhecida pelos manuscritos como "Mestre da Justiça") teria sido a abdicação daquela sociedade ("maculada" por sua nova liderança) e a escolha do deserto como local de refúgio espiritual (cf. *Documento de Damasco* 1:11-2:1). Se esta, que é a melhor consolidada entre as alternativas, não estiver errada, o grupo teria se dirigido a Qumran por volta de 152 a.C., ano em que Jônatas Macabeu assumiu o sacerdócio (cf. AJ 13: 5, 9, 171-172). O fim da comunidade, segundo as evidências arqueológicas, ocorreu com a destruição parcial do assentamento no ano de 68 d.C., por uma legião romana.

[3] *Manuscritos de Qumran* é o nome específico dado à coleção de textos encontrados em 11 cavernas do deserto da Judéia, próximas ao mar Morto. Por sua localização, estes textos também são conhecidos pelo nome genérico *manuscritos do mar Morto*. Este, entretanto, abarca com achados de outras cavernas da região que não possuem relação alguma com os textos de Qumran.



época. Em geral, novos conceitos antropológicos são mais apropriados por se apresentarem de maneira "neutra" ao categorizarem a estrutura social de grupos religiosos.[4] Neste artigo, visando evitar conceitos que limitem as representações sociais da comunidade de Qumran (assim como de outras aqui consideradas), são utilizados com constância os termos "comunidade" e "grupo". Sob esta perspectiva, é possível compreender que grupos religiosos desse período e local não eram "fechados" para com o mundo à sua volta; podendo, por isso, compartilhar práticas e doutrinas similares. A literatura hinária terá seu papel nisso.

A análise aqui presente possuirá como ponto central dois hinos bastante famosos, encontrados no Evangelho de Lucas. O primeiro está registrado em Lc 1:46-55, conhecido como *Magnificat*. O segundo é o *Benedictus*, encontrado no final do mesmo capítulo de Lc, nos versículos 68-79. Visando facilitar a compreensão ao leitor acerca das considerações aqui propostas, ambos serão dispostos abaixo. O primeiro é o *Magnificat*:

> [46] (...) "Minha alma engrandece o Senhor, [47] e meu espírito exulta em
> Deus em meu Salvador, [48] porque olhou para a humilhação de sua serva.
> Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, [49]
> pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é
> santo [50] e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles
> que o temem. [51] Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens
> de coração orgulhoso. [52] Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes
> exaltou. [53] Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias.
> [54] Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia [55] conforme
> prometera a nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência,
> para sempre!"[5]

O *Magnificat* (ou *"cântico de Maria"*) parece ser uma inserção forçada, acrescentada posteriormente ao texto e oriunda de fonte diferente.[6]

[4] Cf. RODRIGUES, Donizete. CAMPOS, Roberta B. C. (orgs.) *Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica*. Revista Anthropológicas, Pernambuco, v. 19, n. 1, p. 29-33, 2008.

[5] As citações bíblicas são extraídas da BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª Impressão Revista. São Paulo: Paulinas, 1995.

[6] Não é incomum encontrar em textos palestinos antigos trechos que foram incorporados posteriormente ao texto central. Isso pode ser percebido em diversas partes da Bíblia Hebraica e nos manuscritos de Qumran. O importante texto normativo de 1QS, traz conjuntos diversos que foram incorporados ao texto central possivelmente em períodos posteriores, como o Código Penal encontrado em 6:24-7:27 e os extensos hinos dispostos em 1:24-2:17 e 10:1-11:22. Estes são exemplos de textos que possuem origem em estudos diferentes e que são inseridos em algum momento no texto.

Quando sua relação com o contexto é analisada mais de perto, parece não haver harmonia entre o hino e o restante do relato. Caso o leitor resolvesse pular do v. 45 diretamente para o v. 56, não perceberia falta alguma de conteúdo que implicasse na descrição geral. Pode-se concluir, então, que este hino foi inserido no texto recorrendo a uma fonte distinta da que o compositor utilizou para redigir o restante do capítulo.

Embora a maior parte dos pesquisadores acredite que esse hino seja mesmo originário de outra fonte, é certo que o estudo que a gerou provém de um ambiente puramente judaico.[7] Há quem defenda, como Gourgues, que tanto o *Magnificat* como o *Benedictus* possuem traços da redação de Lucas (1995, p.53).[8] Se aceita essa opinião, o hino seria mesmo de composição lucana, e não de outro autor posterior que fosse responsável pela interpolação. Segundo o autor citado, algumas expressões do hino fazem alusão direta a Maria, o que provaria – a despeito de o hino possuir uma pré-história ou uma história comum ao ambiente (esta segunda opção não elimina a primeira) – que o hino recebeu um "novo rosto" com a compilação de Lucas. Termos como *"sua serva"* (v. 48) e *"fez grandes coisas em meu favor"* (v. 49), se vistos como manifestações singulares de louvor, induzem o pesquisador a pensar que foram feitas modificações na estrutura do hino para que se pudesse adaptá-lo à história de Maria.

Essa perícope lucana possui um conteúdo bastante próprio se comparado tanto às Escrituras Hebraicas como aos outros livros do Novo

[7] Essa proposta sintetiza uma das ideias que tenho defendido ultimamente, relacionada às inspirações dos grupos religiosos do séc. I d. C. (incluindo Qumran). A maior parte dos pesquisadores encontra as bases do pensamento religioso desses grupos nas tradições registradas nos textos antigos da Bíblia Hebraica. O problema oriundo dessa perspectiva é que todas as práticas e representações encontradas em comunidades religiosas do séc. I d. C. parecem dever a uma tradição "erudita", ligada aos textos; enquanto que as características culturais (e em menor peso políticas e econômicas) parecem não existir nesse tipo de análise. Concordo plenamente que a ausência de fontes de outras naturezas sirva como empecilho para uma análise mais abrangente e que a importância dada ao texto bíblico era muito grande e fazia parte não só da cultura do povo judeu, mas de toda a Palestina à época de Qumran e comunidades cristãs. Entretanto, tal maneira de proceder parece não reconhecer a existência de práticas que não estejam registradas nas fontes religiosas. Segundo Richard Horsley (que dá um foco bastante interessante à pesquisa bíblica por utilizar amplamente recursos das ciências sociais, assim como da arqueologia, economia, demografia e linguística), a população que tinha conhecimento da leitura e da escrita era inferior a 2% (cf. 2000, *passim*). Devido a apontamentos como esse, não consigo deixar de acreditar que aspectos culturais pudessem estar presentes, independentemente da tradição bíblica.

[8] John Nolland concorda que existem várias possibilidades para explicar a origem dos dois hinos. Entretanto, Lucas teria tido um papel na formulação final dos textos, não apenas importando as perícopes para dentro do texto (cf. 1989, p. 63).





Testamento. Ainda assim, é possível encontrar suas bases no texto bíblico. O paralelo mais próximo é encontrado em 1Samuel 1:11, que registra um cântico conhecido como *"aclamação"* ou *"oração de Ana"*, mãe do profeta Samuel. O texto é descrito da seguinte maneira:

> E fez um voto, dizendo: "Iahweh dos Exércitos, se quiseres dar atenção à humilhação da tua serva e te lembrares de mim, e não te esqueceres da tua serva e lhe deres um filho homem, então eu o consagrarei a Iahweh por todos os dias da sua vida, e a navalha não passará sobre a sua cabeça."

A primeira parte do *Magnificat* apresenta proximidade considerável com a "oração de Ana". Vemos que a sentença "olhou para a humilhação de sua serva" (v. 48), encontrada no *Magnificat*, não apresenta grandes diferenças se comparada com a sentença "se quiseres dar atenção à humilhação da tua serva", atribuída a Ana no livro de Samuel. É possível que existisse uma variedade de hinos criados em torno desta temática que conservasse esse tipo de estrutura quando recitados. Essas características encontradas em um hino do séc. I d. C. provariam que este modelo ainda era utilizado.

É necessário considerar que os paralelos não devem restringir-se às estruturas textuais. Como sugerido acima, as temáticas compartilhadas entre diferentes textos podem também provar o uso de fontes comuns. Atualmente, tenho me dedicado mais às questões normativas existentes na literatura qumranita.[9] Com este tipo de material, é bastante claro como algumas das normas criadas pela comunidade de Qumran recorriam a histórias do passado para encontrar justificação. Tais relatos históricos apresentam fortes traços culturais que podiam ser revividos (ou simplesmente colocados por escrito) pelas gerações seguintes, de acordo com seus interesses e possibilidades. Esta consideração pode colaborar

[9] Reforço a simples, mas importante consideração que deve ser feita sobre os textos de Qumran: toda e qualquer análise deve partir da compreensão de que estes manuscritos não foram textos criados sob uma perspectiva objetiva, científica. Antes disso, foram compostos em estilos literários completamente distintos dos atuais. Em minha opinião, os textos que melhor nos ajudam a compreender as perspectivas históricas e sociais da comunidade são os textos normativos (sobretudo os conhecidos 1QS [*1QRegra da Comunidade*] e CD ) e outro grupo conhecido como "comentários" (*pesharim* – os mais referenciados são 1QpHab [*1QComentário de Habacuc*] e 1QpNah [*1QComentário de Nahum*]. Os textos poéticos oferecem grande contribuição no que se refere às perspectivas teológicas e doutrinais, mas colaboram pouco para a compreensão social da comunidade.

com os resultados desta análise. Nos tempos bíblicos, a gravidez era encarada pelas mulheres como uma bênção de Deus (Sl 127:3; 128:3). A esterilidade, por sua vez, era considerada como motivo de vergonha para uma mulher que estivesse em época produtiva. O relato das irmãs Lia e Raquel, dadas como esposas a Jacó, ilustra bem esta questão (Gn 29:30-35). Apesar de Jacó não amar Lia tanto quanto Raquel, Deus *"a tornou fecunda"* (Gn 29:31) por sua compaixão pela mulher mal-amada. O fato de Lia ter dado à luz vários filhos causou ciúmes em Raquel, que se considerava uma "mulher morta" por não poder ter filhos (Gn 30:1). Este relato serve como um bom exemplo para compreender o valor que era dado à gravidez.[10] O mais importante, por sua vez, é conseguir estabelecer as relações entre o passado e o presente, os objetivos que moveram Ana a fazer sua súplica a seu Deus e Maria a agradecer-lhe por sua gravidez. A narrativa em que está inserido o *Magnificat* trata justamente desta temática. Isabel, mãe de João Batista, que, segundo o relato, era estéril e avançada em anos, disse depois de sua concepção: "Isto fez por mim o Senhor, quando se dignou retirar o meu opróbrio perante os homens!" (v. 25).[11] Esse "opróbrio" em que Isabel acreditava viver resume-se ao fato de ela pertencer a uma casta de mulheres desprivilegiadas moralmente; mulheres solteiras, desposadas e principalmente estéreis.

A análise feita acima não dá respostas à segunda parte do *Magnificat* (vv. 51-55). Ela difere da primeira por demonstrar uma linguagem guerreira, típica de diversas correntes de pensamento do período do Segundo Templo, que definitivamente não condiz com o estilo de escrita lucano. Esse conteúdo "subversivo" reflete o ambiente palestino do século I d. C., com todos os seus problemas de ordem social e dominação estrangeira do período. Por volta do início do séc. II a. C., antes mesmo do nascimento da comunidade de Qumran e bem antes da formação das primeiras comunidades cristãs, ocorreu o nascimento do gênero literário apocalíptico, que acabou assumindo o papel de "literatura de resistência".

[10] Infelizmente, neste momento não podemos discutir as razões antropológicas que explicam por que indivíduos que não se encontravam em estado físico perfeito, como uma mulher estéril, eram depreciados na sociedade israelita. Ao lado da mulher estéril, estavam também os que não tinham corpo "perfeito", como os deficientes físicos, mutilados, cegos etc. Locais considerados sagrados pelos israelitas proibiam a entrada destes indivíduos (cf. Lv 21:16-20, 2Sm 5:6-8).

[11] Nota da Bíblia de Jerusalém utilizada neste v.: *"A esterilidade era considerada desonra (Gn 30:23, 1Sm 1:5-8), e até mesmo castigo (2Sm 6:23, Os 9:11)"*.





Esta foi uma das maneiras encontradas para lutar contra o imperialismo político e militar imposto por potências estrangeiras.[12] Utilizando uma linguagem simbólica, cuja compreensão é restrita a um número seleto de pessoas, autores pseudônimos relatavam fatos conturbados de seus dias por meio de metáforas, que tinham por objetivo se contrapor à opressão de um governo estrangeiro sobre o território judaico. No Antigo Testamento, o melhor exemplo é o livro de Daniel, escrito provavelmente em meados do século II a. C., período que corresponde à forte influência selêucida e à luta dos Macabeus para rechaçá-la. No Novo Testamento, encontramos este gênero representado no livro de Apocalipse, escrito durante um contexto que possui realidade semelhante, mas contando com um opressor diferente – Roma.[13] Em Qumran, parecia haver um consenso de que aqueles eram os "últimos dias", fato que motivava uma interpretação apocalíptica do tempo presente.[14]

Uma das hipóteses que explica a influência desse tipo literatura em meio ao *Magnificat* é levantada por David Flusser, que indica uma origem qumranita para tais hinos. Sua proposta será analisada à frente, após as considerações sobre o *Benedictus*. Antes disso, é importante que se exponha algum aspecto que caracterize a segunda parte deste hino como pertencente a este gênero literário. Para tanto, pode-se considerar o conceito de *pobreza* presente na perícope. A ideia envolvendo este conceito a associa com força à "humildade" – o que demonstra que seu foco não está necessariamente ligado à pobreza material. Tanto em Qumran quanto em comunidades cristãs, é possível encontrar esta temática sendo desenvolvida de várias maneiras.[15] Em geral, ela foi utilizada como princípio doutrinal para

[12] A literatura apocalíptica representou parte do pensamento judaico de todo um período conturbado, que abrange desde as intervenções sírias em território judaico, na primeira metade do séc. II a.C., até, segundo Richard Horsley (2007, p. 33-35), os dias da Segunda Revolta Judaica (132-135 d.C.), encabeçada por Simão Bar Kokhba. Após a revolta de Bar Kokhba, o Judaísmo Rabínico consegue, por fim, abafar as expectativas messiânicas que tanto custou aos judeus nos séculos anteriores.

[13] Para melhores considerações sobre o tema, cf. DE BOER, Martinus. *A influência apocalíptica judaica sobre as origens cristãs: gênero, cosmovisão e movimento social*. Revista Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, v. 14, n. 19, pp. 11-24. 2000.

[14] O gênero apocalíptico era bem conhecido por Qumran. Entre os livros deste estilo descobertos, destacam-se 4Q246, 4QPsDa, 4Q521 e 6Q14.

[15] Nos textos hinários da comunidade de Qumran, sobretudo o *1QHodayot*, essa associação é bastante explorada pelo uso de vários termos correlatos, como "pobres de espírito" (6:3), "humildes" e "modestos" (5:22), "miseráveis" e "oprimidos" (9:36; 10:34; 13:13-14), que expressam tanto sua perspectiva sociorreligiosa como sua crítica social. O conceito de pobreza teve forte ênfase em comunidades cristãs ligadas ao apóstolo Paulo (cf. 1Cor 6:4-10).

reforçar a solidariedade entre os membros grupo devido à marginalização social à qual foram submetidos (cf. LOHFINK, 2001, p. 73). Lohfink, ao analisar como esse conceito é utilizado dentro do *Magnificat*, conclui que o hino

> não é de forma alguma um elogio da pequenez, da modéstia, da existência na obscuridade. Pelo contrário, é a mensagem de um Deus que faz justiça aos prejudicados deste mundo e exclui aqueles que se apropriam de partes demasiadas deste mundo (2001, p.19).

Por esse viés, sentenças como "dispersou os homens de coração orgulhoso" (v. 51) e "depôs poderosos de seus tronos" (v. 52), não se colocam como uma mensagem profética para o porvir, mas sim como uma anunciação para o tempo presente, "totalmente aqui neste mundo" (2001, p.20).

O *Benedictus* (também conhecido como "cântico de Zacarias") apresenta algumas semelhanças consideráveis com a linguagem utilizada no *Magnificat*. O texto segue na íntegra.

> [68] Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, [69] e suscitou-nos uma força de salvação na casa de Davi, seu servo, [70] como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas, [71] salvação que nos liberta dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; [72] para fazer misericórdia com nossos pais, lembrado de sua aliança sagrada, [73] do juramento que fez ao nosso pai Abraão, de nos conceder [74] que — sem temor, libertos da mão dos nossos inimigos — nós o sirvamos [75] com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias. [76] E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; pois irás à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos,[77] para transmitir ao seu povo o conhecimento da salvação, pela remissão de seus pecados.[78] Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas, [79] para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos no caminho da paz.

Assim como o *Magnificat*, há dúvidas a respeito de sua composição e origem. Esse hino também foi criado com base em outro estudo, sendo inserido ao relato provavelmente em um momento posterior ao restante do texto. O hino pode ser dividido em duas partes: a primeira, entre os





versículos 68-76, alude ao passado israelita em que foi estabelecida a Aliança entre Deus e seu povo, enquanto a segunda, versículos 76-79, trata do cumprimento de expectativas messiânicas. No entanto, pela maneira como o conteúdo destas duas partes se apresenta, a perícope inteira pode ser encaixada nos padrões militantes encontrados na segunda parte do *Magnificat*.

A introdução encontrada no *Benedictus* chama a atenção. A expressão "bendito seja o Senhor Deus de Israel" (v. 68) possui um histórico interessante. Em textos como Sl 66:20 e 68:36, o termo *baruc 'elohim* ("bendito seja Deus"), prova que essa fraseologia já era anterior ao seu uso pelos cristãos.[16] A comunidade de Qumran também pode ser considerada devedora para com esta fórmula. O autor do importante texto hinário *1QHodayot* (1QH) utilizou essa expressão como cabeçalho em seu hinos.[17] Em outro texto qumranita, *4QBem-aventuranças* (ou 4Q525), podemos encontrar algo que vai além disso. O texto apresenta uma sequência de bendições que possui uma proximidade marcante com as *Bem-Aventuranças* encontradas em Mateus 5:3-10.[18] Pode-se acrescentar a estes textos um que será próprio do séc. I d.C., o *Shemoneh Esreh* ("Dezoito Bênçãos"). Cada uma de suas "bênçãos" termina com a fórmula *baruc 'atah 'adonai* – 'Sê bendito, Senhor..." ou "Bendito sejas tu, ó Senhor". Na bênção n. 1, conhecida como *'avot* ("benção dos patriarcas"), essa fórmula é encontrada tanto no início quanto em seu final. Ela possui grande semelhança com a introdução do hino lucano. Segue a tradução:

Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus de nossos pais (...)

[16] Muitos exemplos são encontrados na Bíblia Hebraica sobre a junção de dois termos como os citados acima. As expressões conjuntas *baruc 'adonai 'elohim* (sendo o tetragrama lido como *'adonai*) aparecem em textos como Gn 24:27, 1Sm 25:31, 2Sm18:28, 1Rs 1:48, 8:15, Sl 41:14, 72:18, 1Cr 16:36, 29:10, 2Cr 2:11, 6:4. A presença dos termos *baruc 'adonai* pode ser vista nos textos Ex 18:10, 1Rs 5:20, 8:56, Zc 11:4, Sl 28:6, 31:22, 89:53, 124:6, 135:21, 144:1.

[17] A maior parte dos hinos de 1QH que tiveram sua introdução preservada, possui como fórmula introdutória a expressão *baruc 'atah 'adonai* (cf. 6:8, 8:16, 18:14, 19:27) ou alguma de suas variantes, sendo a mais comum *'odecah 'adonai* ("dou-te graças Senhor" – cf. 6:23, 10:20,31, 11:19,37, 13:5, 15:6,26, 16:4, 17:38).

[18] O texto foi traduzido por Émile Puech (Série *DJD*, n. 25, pp. 115-178. Oxford: Clarendon Press, 1998). Muitos pesquisadores referem-se a 4Q525 em comparação não apenas com a lista de *bem-aventuranças* descrita em Mt 5:3-10, mas também com a encontrada em Lc 6:20-23, considerada por muitos como sendo mais "original" (para uma consideração comparativa entre os textos, cf. VANDERKAM. James C. FLINT, Peter. *The meaning of the Dead Sea Scrolls: their significance for understanding the Bible*. São Francisco: Harper Collins, 2002. pp. 336-338).

Tu que te lembras das boas obras dos pais,

Tu que suscitarás um Redentor para os filhos de seus filhos (...)[19]

As palavras e mesmo a ordem das sentenças são correspondentes às encontradas no *Benedictus* ("Bendito seja o Senhor", "nossos pais", "lembras"). Vemos assim que, a mesma estrutura textual é utilizada em várias passagens das Escrituras Hebraicas, no texto qumranita de 1QH[20] (cuja redação remete a meados do séc. II a. C, logo após a fundação da comunidade de Qumran) e em textos do séc. I d. C., como o *Shemoneh Esreh* e o *Benedictus*. O que chama a atenção é o fato de estes textos pertencerem a períodos diferentes, relativamente distantes, mas ainda assim terem em comum a mesma fórmula introdutória em seus hinos. Ela pode provar que o uso de tais expressões por comunidades religiosas durante o séc. I d. C. deve às tradições antigas, registradas em livros conhecidos nas Escrituras Hebraicas.

Segundo o que se pode depreender das conclusões de Gourgues, um dos pontos centrais que marca a diferença principal entre o *Benedictus* e outros hinos do mesmo período (e anteriores) refere-se à maneira como suas expectativas messiânicas são descritas. A segunda parte do *Benedictus* é redigida sob a perspectiva de um porvir messiânico já concretizado. Os hinos anteriores às comunidades cristãs ou de outros grupos religiosos judaicos, expressam suas expectativas messiânicas em tempos verbais futuros (*e.g.,"suscitarás" – Shemoneh Esreh*), enquanto que no *Benedictus* esta expectativa já se cumpriu (*"suscitou-nos"*). A compreensão do futuro/passado na expectativa messiânica israelita é chave para se entender as diferenças ideológicas presentes em textos que sofreram adaptações (o mesmo pode ser aplicado ao *Magnificat*). Essa versão "cristianizada" da fonte, após passar pelas mãos de Lucas (ou de outro autor cristão), pode ser considerada como a manifestação literária da forma judaico-cristã de se pensar utilizando padrões conhecidos. Ainda segundo Gourgues, *"enquanto*

[19] A tradução do texto é de minha responsabilidade, com base no texto bilíngue (hebraico/inglês) de SCHERMAN, 1995, p. 420-421.

[20] Alguns dos hinos de 1QH são escritos em primeira pessoa. Já foi sugerido que esta "primeira pessoa" teria sido o Mestre da Justiça, citado em CD 1:11 como o líder criador do grupo de Qumran.





*o primeiro painel (vv. 68-75) recorre a uma 'formulação judaica' toda inspirada no Antigo Testamento, o segundo (vv. 76-79) emprega uma* formulação cristã *ou* cristianizada" (1995, p. 40, grifos meus). Este resumo, apesar de poder ser questionado, demonstra bem o que pensam aqueles que procuram encontrar a origem do *Benedictus*.

Alguns estudiosos já propuseram que tanto o *Magnificat* quanto o *Benedictus* são hinos de Isabel, mãe de João Batista.[21] Segundo esta hipótese, a origem destes dois hinos pertence aos círculos religiosos de Batista. Essa opinião também foi defendida por David Flusser, sobretudo depois de sua leitura de um hino presente no *1QManuscrito da Guerra* (1QM). Segundo ele, "existe de fato um hino guerreiro essênio que está por trás do Magnificat e do Benedictus" (2000, p. 153).

Vimos acima que ambos os hinos lucanos contêm conteúdo militante. Uma leitura atenta dos relatos bíblicos nos apresenta um Batista com alto grau de militância. Seguindo esta leitura, Batista não teria sido considerado subversivo por castas superiores apenas por seus questionamentos à conduta de Herodes Antipas, que tinha se casado com a mulher do próprio irmão[22] (Mt 14:3-4; Lc 3:19-20). Pelo contrário, ele parece ter tido um papel bem mais "ativo" em seus dias; presumindo-se, portanto, que sua condenação tenha sido ocasionada por apenas um de vários motivos não relatados.[23] Os dois hinos, que segundo Flusser, teriam

[21] Essa opinião é derivada da conclusão de que os dois hinos possuem traços semelhantes, ligando-os a uma mesma tradição. Segundo Nolland, *"similaridades entre o* Benedictus *e o* Magnificat *têm sido frequentemente notadas (no vocabulário há uma particular concentração de termos comuns nos vv. 54-55 do Magnificat), e a comum autoria assim como a dependência de ambos os trechos têm sido afirmadas. Os cânticos compartilham um método similar de alusão ao Antigo Testamento, mas não idêntica orientação escatológica e interesse em uma figura secundária* (João Batista) *para a vinda do Messias"* (1989, p. 83. trad. e grifos meus).

[22] O irmão de Antipas era ainda vivo. Não haveria problemas se Antipas tivesse se casado com ela após a morte do irmão, pois isto estava previsto na legislação israelita.

[23] Esta leitura se encaixa com a proposta de Richard Horsley, que dá enfoque considerável à questão política. Não apenas João Batista, mas também lideranças públicas oriundas de camadas inferiores (segundo as propostas tradicionais, consideradas apenas por suas posições religiosas) que noticiavam as injustiças correntes durante seus dias (várias delas conhecidas apenas pelas fontes josefianas e o Novo Testamento), serão consideradas "a pedra no sapato" das autoridades políticas judaicas e romanas. Estes indivíduos foram encarados pela população como líderes: ora proféticos ora messiânicos. Entretanto, as autoridades constituídas viam em figuras como estas uma ameaça à "ordem" estabelecida (HORSLEY, 2007, *passim*). Por essa razão, movimentos nascentes e seus líderes foram tratados com força bruta e tiveram finais trágicos, como nos casos mais conhecidos relatados nos Evangelhos, de João Batista e Jesus de Nazaré; e nos escritos josefianos, os de Teúdas (AJ 20:97-8) e do "Egípcio" (GJ 2:261-63, AJ 20:169-71, cf. At 21:38).

sido retirados de uma espécie de *"evangelho do nascimento de João Batista"* (2000, p. 150), eram na verdade a adaptação de um ou mais hinos utilizados por Batista e/ou seus seguidores. Os ideais guerreiros, patrióticos e até certo ponto revolucionários, constituem uma mensagem própria dos círculos de Batista, cujos antecessores Flusser localiza entre os membros da comunidade de Qumran.[24]

O hino a que Flusser se refere está registrado em um texto escatológico que abrange vários estilos literários. Ele destaca figuras messiânicas, grupos que atuarão no "fim dos tempos", e o papel da comunidade de Qumran na "guerra final" – entre os "filhos da Luz" e os "filhos das Trevas". O hino encontra-se em 1QM 14:4-13:

4. Bem-aventurado seja o Deus de Israel
   Que preserva misericórdia para Sua aliança
   tempos marcados (predestinados) de salvação
   para o povo de Sua redenção
5. Ele chamou os errantes para façanhas poderosas.
   Ele reuniu uma multidão de nações para a destruição
   Total que não deixará sequer um remanescente.
6. Pela justiça Ele exaltará o pusilânime e
   abrirá a boca do mudo para alegre
   louvar os atos poderosos de Deus.

[24] Alguns pesquisadores acreditam que João Batista tenha sido um dissidente da comunidade essênia do mar Morto. Ele é descrito nos Evangelhos como um homem que residia no deserto e que lá começou a sua pregação (Mc 1:4-6; Mt 3:1-6). O primeiro capítulo do livro de Lc (onde encontramos o *Magnificat* e o *Benedictus*), quase que por inteiro, trata direta ou indiretamente de assuntos ligados ao nascimento de João Batista. Esses registros levantam a hipótese de João ter se associado aos essênios e abandonado sua perspectiva em um segundo momento, por não concordar com as restrições da comunidade de Qumran. Essa é a opinião de Otto Betz, quando afirma que *"João Batista foi criado nessa comunidade junto ao mar Morto e dela recebeu forte influência, tendo partido mais tarde para pregar a uma comunidade maior de judeus"* (1993, p. 216).





Ele ensinará a arte da guerra para aqueles com mãos
deficientes.
7. Ele dá força àqueles com joelhos fracos para
   se manterem firmes e fortalecerá
   os ombros do ferido.
   Pelo pobre de espírito (...) de coração duro.
   Pelos inocentes no proceder todas as nações más
   chegarão ao fim.
8. Nenhum de seus homens poderosos será capaz de ficar de pé.
   Mas nós, os remanescentes de Teu povo, abençoaremos
   Teu nome, ó Deus de misericórdias, que preservas
   a aliança feita com nossos pais.
9. Em todas as nossas gerações Tu fizeste
   Maravilhosas Tuas misericórdias aos remanescentes da
   nação de Israel, mesmo durante o
   domínio de Belial.
   Pois não fomos levados para longe de Tua aliança
   pelos mistérios de seu ódio.
10. Tu repreendeste seus espíritos destrutivos e
    Os expulsastes de nós. Tu protegeste
    a alma de Tua redenção em meio

à iniquidade perpetrada por homens sob
seu domínio.

11. Mas Tu ergueste os caídos com Tua força,
Tu derrubarás os altos de estatura e
humilharás os arrogantes.
Seus homens poderosos não terão ninguém para os salvar
e seus homens velozes não terão lugar para onde fugir.

12. Tu trarás desprezo sobre seus nobres e
sua vã existência será reduzida a nada.
Mas nós, o povo de Tua santidade, louvaremos
Teu nome por causa das obras de Tua verdade.

13. Nós exaltaremos para sempre Teus atos poderosos em todos
os pontos decisivos de épocas e estações marcadas
para a eternidade na chegada do dia e à
noite e também na partida do anoitecer
e pela manhã.

Grandioso é Teu glorioso desígnio e os mistérios de
Teus prodígios estão em Teus altos céus, Tu
exaltas para Te levantares do pó e humildade
dos anjos (trad. de Flusser).





As diferenças existentes neste hino, quando comparado aos dois hinos da Natividade lucanos, ocorrem em sua maior parte graças ao grupo a que está direcionado. Termos encontrados aqui, como "Tua aliança", "Sua redenção", "remanescentes de Teu povo", "povo de Tua santidade", são referências explícitas à comunidade de Qumran e ao seu papel a ser desempenhado em sua guerra final. Outro fator que deve ser destacado, seguindo as considerações feitas acima, é o de que este hino foi redigido antes de as expectativas messiânicas essênias terem se cumprido.[25] Entretanto, se retirarmos do hino de 1QM a perspectiva comunitária qumranita e trouxermos o messianismo do *Magnificat* e do *Benedictus* para um estágio anterior (ou seja, o Messias ainda seria esperado), as similaridades entre estes hinos tornam-se, por sua vez, muito próximas. Ainda que as expressões salmódicas tenham grande similaridade, é nas temáticas que se podem encontrar as analogias mais interessantes. O quadro a seguir coloca lado a lado as partes em que ocorrem analogias.

[25] Os romanos impediram que isso viesse a acontecer no ano 68 d. C.

| 1QM 14:4-13 | Lucas 1 |
|---|---|
| Bendição e aliança:<br>4-5. Bem-aventurado ("Bendito" – trad. Martínez) seja o Deus de Israel, que preserva misericórdia para Sua aliança e os tempos marcados (predestinados) de salvação para o povo de Sua redenção.<br>Livramento dos inimigos: | 68. Bendito o Senhor Deus de Israel (...).<br>70. (...) como prometera pela boca dos santos profetas, desde tempos remotos (...). |
| 5. Ele chamou os errantes para façanhas poderosas. Ele reuniu uma multidão de nações para a destruição total que não deixará sequer um remanescente.<br>Fortes e fracos: | 51. dissipou os soberbos (...).<br>71. (...) salvação que nos liberta dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam (...). |
| 6-8. Ele dá força àqueles com joelhos fracos para se manterem firmes (...). Nenhum de seus homens poderosos será capaz de ficar de pé.<br>11. Mas Tu ergueste os caídos com Tua força. Tu derrubarás os altos de estatura e humilharás os arrogantes.<br>11-12. Seus homens poderosos não terão ninguém para os salvar e seus homens velozes não terão lugar para onde fugir. Tu trarás desprezo sobre seus nobres (...).<br>Misericórdia e aliança: | 52a. Depôs poderosos de seus tronos,<br>52b. e a humildes exaltou.<br>51. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. |
| 8-9. Ó Deus de misericórdias, que preservas a aliança feita com nossos pais; em todas as nossas gerações Tu fizeste maravilhosas tuas misericórdias.<br>Exaltação: | 72-73. (...) para fazer misericórdia com nossos pais, lembrado de sua aliança sagrada, do juramento que fez ao nosso pai Abraão (...). |
| 12-13. Mas nós o povo de Tua santidade, louvaremos teu nome por causa das obras de Tua verdade. Nós exaltaremos para sempre Teus atos poderosos (...). [26] | 74-75. (...) nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias |

[26] A disposição com que trabalho os hinos segue ordem e temáticas diferentes das utilizadas por Flusser. No que se refere à utilização dos textos em suas línguas originais, afirmo que tal procedimento pouco colaboraria para a análise presente. Textos de idiomas diferentes, como o hebraico e o grego, analisados em justaposição, remetem a uma tentativa de reconstrução mais textual (estrutural) que temática. Em minha opinião, essa é uma proposta pouco fecunda quando aplicada a idiomas antigos, considerando a própria estrutura da língua (cf. CHABROL, 1980, p. 7).





O hino precede o *Magnificat* e o *Benedictus* em diversas temáticas e, até certo ponto, na estrutura.[27] Com palavras não tão díspares, pode-se perceber onde se encontram as sentenças-chave que teriam sido utilizadas pelo autor cristão em sua redação.

Outra possibilidade que deve ser considerada é a de que tanto o hino de 1QM quanto os hinos lucanos tivessem como inspiração uma fonte mais antiga, ou seja, outro hino que tivesse todos estes elementos principais e que ainda não tivesse recebido os acréscimos tanto do redator qumranita quanto do cristão, sendo assim o "original" entre todos. Seguindo esta ideia, Flusser faz uma tentativa para chegar a esse hino original, somando as temáticas principais existentes nos três hinos e dispondo-as em uma ordem provável. O texto alcançado foi:

> Bem-aventurado seja o Deus de Israel, Que preserva misericórdia para Sua aliança (...) (e) salvação para o povo de Sua redenção. Ele chamou os errantes para poderosas bravuras. Ele reuniu uma multidão de nações para a destruição total (...). Ele exaltará os pusilânimes (...) Ele ensinará a arte da guerra àqueles com mãos deficientes. Ele dá força àqueles com joelhos fracos para se manterem firmes e fortalecerá os ombros dos feridos. Pelos pobres de espírito (...) de coração duro. Pelos inocentes no proceder todas as nações más chegarão ao fim. Nenhum de seus homens poderosos será capaz de ficar de pé. Mas nós (...) (abençoaremos) Teu nome, ó Deus de misericórdias, Que preserva a aliança feita com nossos pais (...). Mas tu ergueste o caído por Tua força, Tu derrubarás os altos de estatura [e humilharás o soberbo]. Seus homens poderosos não terão alguém para os salvar e seus homens velozes não terão lugar para onde fugir. Tu trarás desprezo sobre seus nobres. Mas nós, o povo de Tua santidade, louvaremos Teu nome (...) (e) exaltaremos Teus atos poderosos para sempre (2000, p.159).[28]

Se admitida a existência de um hino que era mais antigo que o de 1QM e que continha todos estes elementos, deve-se considerar que ele, na verdade, poderia ter sido o texto utilizado como base para a criação os hinos da Natividade (e também presente em 1QM). No entanto, mesmo

[27] Logo no início do hino, encontramos a expressão *"Isra'el baruc 'el"*, uma fórmula idêntica à encontrada no *Benedictus*.

[28] Essa reconstrução, que coloca em conjunto os elementos principais dos hinos, se apresenta como uma alternativa convincente para explicar a pré-história do *Magnificat* e do *Benedictus*. Por mais hipotético que possa ser (uma vez que não existem fontes que possuam hinos similares mais antigos que estes), esse é um método bastante confiável, utilizado pela maioria dos historiadores bíblicos.

que os hinos lucanos não tivessem sido criados sob inspiração direta do texto de 1QM, as temáticas tomadas desse hino antigo seriam as mesmas. O que reforça essa afirmação é o fato de todos estes hinos destacarem elementos nacionalistas e revolucionários – próprios da ideologia apocalíptica essênia. Portanto, pode-se concluir que, se de fato houve um hino antigo que serviu de inspiração, também ele era essênio (e circulava de forma independente aos grandes textos).[29]

Outro questionamento que deve ser lançado nesse momento refere-se a como esse hino teria chegado às mãos do redator cristão. Como dito acima, o *Magnificat* e o *Benedictus* são atribuídos por alguns estudiosos a Isabel e Zacarias, pais de João Batista. Isso provaria uma relação direta entre estes hinos para com os círculos de Batista. Para alguns acadêmicos, ele foi um dissidente de Qumran que tinha acesso ao rol dos livros essênios. Em seu rompimento com a comunidade, ele opta por difundir suas ideologias (políticas e libertárias) a "todo o Israel", sob uma ótica que defendia uma salvação abrangente e não somente para um grupo fechado – como o de seus ex-companheiros. Em virtude disso, criou-se uma via de acesso que possibilitou o contato com outros grupos religiosos. Por intermédio destes contatos, o redator cristão utilizou o hino essênio como inspiração para os hinos da Natividade.[30]

A figura de João Batista, da maneira como apresentada nos textos bíblicos, estabelece um caminho concreto que prova como poderiam ser efetuados empréstimos entre grupos religiosos do séc. I d.C. A literatura hinária terá um papel fundamental nisso, graças à facilidade em adentrar e se adaptar entre tais grupos.[31]

[29] A maior parte dos grandes manuscritos encontrados em Qumran passou por um longo processo envolvendo redação e compilação. Estes se transformaram na "versão consolidada" apenas depois de algum tempo. Tal fato é mais perceptível nos textos que possuem estilos literários diversos. Na medida em que o texto foi sendo construído, inserções de outros textos também ocorreram. No caso da inserção de hinos, normalmente seu acréscimo não entrava em contradição com o restante do conteúdo graças a sua menor significância escatológica – o que os tornava mais fácil em harmonizar com o texto inteiro.

[30] Nesse momento, a opinião aqui colocada diverge da proposta por Flusser. Ele acredita que o "*Magnificat* e o *Benedictus* foram compostos por discípulos de João" (2000, p. 162) e acrescentados ao texto bíblico sem a interferência de um redator cristão. A maneira como estes hinos foram considerados aqui, sugere que a versão final foi mediada por um redator cristão, sendo "cristianizada".

[31] Os outros hinos da Natividade registrados por Lucas não nos trazem maiores revelações. Muito do que foi dito sobre os dois hinos acima no que tange aos métodos investigativos, serve também para o *Gloria in Excelsis* (2:14) e o *Nunc Dimittis* (2:29-32). O *Gloria in Excelsis* (expressão latina equivalente a "glória a Deus nas alturas" – existente no início do hino) apresenta-se como uma aclamação doxológica enquanto o *Nunc Dimittis*





## Conclusões

A presente proposta entende que textos hinários eram capazes de transitar entre comunidades religiosas diferentes, muito mais que textos de outros estilos literários. Mais importante que isso: esse tipo de literatura poderia carregar consigo aspectos doutrinais originados em diferentes correntes religiosas. Uma vez utilizados pelo grupo receptor, poderiam originar ou ajudar na consolidação de elementos doutrinais dentro de seu grupo. Textos de natureza mais específica, como normativos, exegéticos, proféticos etc., sofriam censura bem maior por parte de outros grupos religiosos (muitas vezes rivais), por, em sua maioria, serem carregados de conteúdo parcial. Em geral, estes tipos de conteúdo eram mais impactantes e explícitos. A literatura hinária, por sua vez, apresentava facilidade bem maior em transpor as barreiras organizacionais religiosas devido a sua sutileza. Ela poderia revestir alguns conteúdos doutrinais ou simplesmente transportar conteúdo não agressivo.

Em outro momento, trabalho com a hipótese de que algumas das semelhanças doutrinais compartilhadas entre os manuscritos de Qumran e textos cristãos canônicos, possam ter adentrado os limites sociorreligiosas comunitários cristãos através da literatura hinária. Várias doutrinas encontradas em escritos cristãos, como o *dualismo* entre o *bem* e o *mal*, a *justificação*, o conceito de *pobreza*, e uma série de expressões salmódicas e doxológicas, possuem paralelos consideráveis com hinos qumranitas, sobretudo com o extenso 1QH.[32]

Com essa possibilidade aberta, restam, ainda, ao pesquisador as dificuldades relacionadas à origem da fonte. Na discussão acerca dos hinos considerados neste trabalho, estas problemáticas necessariamente tiveram que ser enfrentadas. A primeira nos levou para uma perspectiva verticalizada, sobre como compreender o nascimento e a evolução da fonte historicamente. Por ela, pode-se concluir que havia pouco ou nenhum empréstimo entre os grupos religiosos contemporâneos do séc. I d.C.

(sentença, também latina, que significa "despedes em paz o teu servo", encontrado no prólogo do hino. Este hino possui o nome mais popular de "cântico de Simeão") parece retratar as esperanças messiânicas do período. Quanto às origens dos hinos, no estágio atual em que se encontram as pesquisas, é impossível afirmar algo a mais do que sua origem judaica em sentido geral.

[32] VIEIRA, 2008, p. 49-72.

Ao contrário, os conteúdos que apresentam algum grau de semelhança teriam sido, na verdade, influenciados exclusivamente por fontes antigas. Documentos existentes em períodos anteriores teriam servido como base para a composição de textos que nasceriam em períodos não tão díspares no futuro. Tal fato explicaria a semelhança entre eles, e, ao mesmo tempo, traria à tona a existência de outras fontes – conhecidas entre os grupos contemporâneos do passado, mas infelizmente (na maioria das vezes) desconhecidas por nós. A outra perspectiva, que também esteve presente na análise dessas fontes, é simplesmente oposta. Por ela, a busca de raízes mais profundas na sociedade israelita é desprezada, e as respostas são encontradas no período contemporâneo ao nascimento da fonte. A compreensão do pensamento religioso existente nela, por esse viés, seria oriunda da sociedade – destacando, nesse caso, as influências entre comunidades religiosas.

Nas considerações feitas acima sobre as origens do *Magnificat* e do *Benedictus*, ambas as possibilidades de análise se cruzaram. Pôde-se perceber que tanto as influências do passado quanto contemporâneas estiveram presentes na criação dos dois hinos lucanos. Elementos culturais, teológicos, e fórmulas próprias dos hinos religiosos presentes nas Escrituras Hebraicas, podem ser encontrados dentro destes hinos. Acerca das influências contemporâneas, cabe destacar o papel da comunidade essênia de Qumran. Esse grupo religioso já era consolidado havia bastante tempo, bem antes da redação dos textos cristãos. Qumran possuía uma casta letrada produtora (e possivelmente difusora) de textos religiosos – o que reforça a hipótese de que outros grupos tenham tido contato com este material. Relacionado a isso, pode-se aproveitar o método utilizado por Flusser em sua reconstrução da "fonte original" que teria chegado às mãos do redator cristão. Entretanto, no que se refere ao caminho percorrido por essa fonte até sua chegada às mãos desse redator, acredito que o percurso tenha sido bem menos complexo. Hoje está consolidada a ideia de que existiam várias comunidades essênias espalhadas pelo território palestino, inclusive com grupos residentes dentro de meios urbanos.[33] Isso ajuda-

[33] Flávio Josefo diz que os essênios "... não têm cidade certa onde morar; estão espalhados em várias" (GJ 2:7). Em outra passagem, ele cita essênios que ofereciam ofertas sacrificiais no Templo de Jerusalém (AJ 18:19). Estes comentários ajudam a consolidar a opinião de que a comunidade de Qumran era apenas uma entre várias comunidades essênias espalhadas pela Palestina. Nem todas estas comunidades haviam aderido





nos a entender que estes textos eram bem menos "sectários" do que se presumia anteriormente.[34] Os textos hinários eram relativamente curtos (se comparados a manuscritos temáticos) e tinham a possibilidade de se "descolar" do restante do texto com facilidade. Por isso, podiam alcançar limites geográficos mais extensos, rompendo mesmo com os limites restritivos partidário-religiosos. Devido a tais considerações, acredito que tanto as influências do passado israelita como do presente qumranita, tenham ajudado na construção dos hinos *Magnificat* e *Benedictus*.

## Referências

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (Org.). *Guia literário da Bíblia.* Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

BETZ, Otto. João Batista era essênio? In: SHANKS, Hershel. (Org.). *Para compreender os manuscritos do Mar Morto.* Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CHABROL, C. *Semiótica narrativa dos textos Bíblicos.* Trad. Kátia Hakim Chalita. RJ: Forense Universitária, 1980.

FLUSSER, David. *O judaísmo e as origens do cristianismo.* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago, 2000. v. 1.

FREDERICO, Denise Cordeiro de S. *Cantos para o culto cristão.* São Leopoldo: Sinodal, 2001.

GOURGUES, Michel. *Os hinos do Novo Testamento.* Trad. José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995.

HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, história e sociedade na Galiléia:* o contexto social de Jesus e dos Rabis. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2000.

à proposta de isolamento, como Qumran. Antes, por questões diversas (ressalto sempre as econômicas), teriam optado por viverem em núcleos urbanos.

[34] A maior parte dos pesquisadores dos manuscritos de Qumran acredita que nem todos os textos encontrados nas cavernas próximas ao assentamento tenham pertencido ao grupo que lá habitou. O fato de terem sido utilizados pelos habitantes de Qumran não significa que tenham sua autoria reservada a esta comunidade. Um texto bastante importante que colabora com este argumento é CD (*Documento de Damasco*). O texto é direcionado a "comunidades", e não apenas ao grupo que habitou Qumran (cf. CD 14:3, 9). Tal fato ajuda a entender que a comunidade de Qumran, na verdade, participava de um movimento mais amplo do que se imagina.

_____. HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias:* movimentos populares no tempo de Jesus. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 1995.

KITTEL, Bonnie Pedrotti. *The hymns of Qumran:* translation and commentary. Chico: Scholars Press, 1981.

NOLLAND, John. *Word biblical Commentary:* Luke 1-9:20. Texas: Word Books, 1989.

LOHFINK, Norbert. *Hinos dos Pobres.* Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Loyola, 2001.

MARTÍNEZ, Florentino García; BARRERA, Julio Trebolle. *The people of the Dead Sea Scrolls.* Trad. Wilfred G. E. Watson. Leiden: Brill, 1994.

MESTERS, Carlos. Jesus e os salmos – A oração dos salmos na vida de Jesus. RIBLA – *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Salmos*, Petrópolis, 2003. n. 45.

MÍGUEZ, Néstor O. Contexto sociocultural da Palestina. RIBLA – *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Cristianismos Originários (30-70 d.C.)*, Petrópolis, 1995. n. 22.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização.* Trad. Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SANTE, Carmine di. *Liturgia judaica* – fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2006.

VIEIRA, Fernando M. *Os manuscritos do mar Morto e a gênese do Cristianismo.* Dissertação de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Assis, 2008.

## Fontes

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª Impressão revista. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTÍNEZ, Florentino García. *Textos de Qumran,* edição fiel e completa dos Documentos do Mar Morto. Trad. Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHERMAN, Nosson. *The complete ArtScroll Siddur.* NY: Mesorah Publications, 1995.